

## **A LÓGICA DA HISTÓRIA E O TRIUNFO FINAL DO PROLETARIADO: POR UMA ESCOLA HISTORIOGRÁFICA BAKUNINISTA**

**Marcos Paulo de Assis**

Bakunin pondera em sua obra "O Império Knuto-germânico e a revolução social" que não é correto duvidar da justiça política para os trabalhadores e do triunfo final do proletariado porque isso estaria em desacordo com a "lógica da história". O que na aparência é uma simples afirmação da potência política do proletariado é na verdade o termo de uma exposição sobre a natureza da história, quando não da vida em si. Para o autor eslavo, o desenvolvimento das circunstâncias históricas teria por consequência necessária a emancipação política e econômica das classes subalternas no mesmo esquema lógico-filosófico segundo o qual o velho tem de morrer para dar lugar ao novo no mundo natural. Apesar de expostas dessa maneira essas suas formulações darem espaço para acusações de informarem um pensamento teleológico, não pretendemos aqui apontar que segundo Bakunin a História seguiria um roteiro pré-estabelecido, mas que existem tendências causais gerais no seu desenvolvimento que influenciam-na, e que devem ser consideradas. Apesar disso, como bem sabemos, uma escola historiográfica que seja qualificada apropriadamente como anarquista está ainda por ser consumada. A sistematização tardia das obras de Bakunin pelo Instituto de História Social de Amsterdã, mais de um século de falsificações no campo editorial genericamente denominado anarquista e o desprezo de parte dos estudiosos que se debruçaram sobre a história do pensamento socialista no século XIX mascararam as contribuições reais desse autor e de Proudhon para o surgimento das ciências sociais. É uma questão ignorada que, assim como Feuerbach e Marx, Bakunin buscou formular uma concepção teórico-filosófica "materialista" que se opusesse, dentro da filosofia europeia, ao idealismo hegeliano. Apesar da pouca sistematização, o pensador russo partiu da leitura das categorias conceituais proudhonianas, como de "forças coletivas" e "dialética serial", e pretendeu – conseguiu, defendemos – desenvolver uma unidade teórica no seu pensamento político e sociológico: lançando a pedra angular do hoje denominado bakuninismo. Bakunin acreditava que os povos amparam-se nos fenômenos sociais coletivos de sua história e conformam uma chamada "consciência coletiva" – conceito emprestado de Proudhon –, mesmo e apesar das formulações teóricas e acadêmicas dos historiadores e cientistas sociais, e que partindo desse saber compartilhado, popular e amparado na vida histórica coletiva (experiência histórica, no

conceito original) é que os grupos sociais se mobilizavam enquanto sujeitos históricos reais. Nesse sentido apontava que esses sujeitos históricos ensurdecem-se-iam para qualquer apelo político-ideológico que não levasse em conta àqueles pressupostos que houvessem herdado da vida, por mais amparados na teoria social. As leituras da realidade social e histórica que ignorassem o papel da “experiência histórica coletiva” no pensamento e na ação dos diversos grupos sociais seriam incapazes de qualificá-los propriamente. Pelo exposto, acreditamos que no pensamento bakuninista exista material para o esforço de constituição de uma escola historiográfica – que já se põe em andamento. Além disso, esse esforço se depara com a tarefa de fornecer uma leitura adequada sobre a História recente do Brasil e atribuir sentidos a fenômenos aparentemente novos que embaraçam parte das concepções clássicas, como as “Jornadas de junho”, a “crise de representatividade” e o fenômeno da “greve dos caminhoneiros”. Esses embaraços diversas vezes são consequência de uma veneração anti-científica dos quadros explicativos das ciências sociais, de maneira mesmo subalternizar a própria realidade histórica em defesa de concepções teóricas que, não há outro modo de dizê-lo, são teoricamente insuficientes para dar conta da realidade. É na intenção de apresentar essas novas chaves de leitura à comunidade acadêmica que esta proposta de comunicação é apresentada.